

MAURILIO NOGUEIRA DA SILVA

A PRODUÇÃO SOCIAL DA CONSCIÊNCIA  
Uma Abordagem Histórica da Consciência  
como Fenômeno Psíquico

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
CAMPINAS - SÃO PAULO  
1 9 8 6

MAURILIO NOGUEIRA DA SILVA

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por MAURILIO NOGUEIRA DA SILVA e aprovada pela Comissão Julgadora em 10/03/86.  
Data: 10/03/86  
Assinatura: Olinda Maria Noronha.

A PRODUÇÃO SOCIAL DA CONSCIÊNCIA  
Uma Abordagem Histórica da Consciência  
como Fenômeno Psíquico

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação (Psicologia Educacional), à Comissão Julgadora da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Professora Doutora Olinda Maria Noronha.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
CAMPINAS - SÃO PAULO  
1986

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL

COMISSÃO JULGADORA

\_\_\_\_\_  
*ou Verônica*  
\_\_\_\_\_  
*[Signature]*  
\_\_\_\_\_  
*[Signature]*  
\_\_\_\_\_

CAMPINAS, 1986

À  
Josefina,

Breno e

Ana Carolina

... e também

a

Geraldo,

Francisca "in memoriam",

Perpétua,

Erli

... e Eva

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Viçosa pela oportunidade oferecida para a realização deste estudo.

Ao Departamento de Educação da U.F.V., de modo especial aos colegas da área de Psicologia Educacional, que assumiram uma sobrecarga de trabalho para que eu pudesse estar disponível para o estudo.

Aos professores da Faculdade de Educação da UNICAMP que me ajudaram a encontrar os caminhos que conduziram ao presente estudo.

À doutora Maria Laura P.B. Franco que orientou meus primeiros passos em direção à abordagem histórica da Psicologia.

À doutora Olinda Maria Noronha que, com amizade e competente orientação, me permitiu concluir este estudo.

Aos membros da Comissão Julgadora: Dras. Maria Meliane F. Montezuma e Maria Inês Fini.

Aos colegas do Mestrado, especialmente à Maria Alves Bruns, pela convivência amigável e ajuda recebida.

Aos colegas do DPE-UFV, especialmente, Adelino, Célia, Francisco, Marly, Marisilda, Ana Maria, Redin e José Fagundes, pelas críticas e sugestões.

Aos funcionários da UNICAMP e da UFV pela amizade e ajuda recebidas.

À Perpétua e ao Vicente sempre prontos a ajudar-me.

À Conceição e ao Cleber pela amizade e apoio em Campinas.

A todos que, de algum modo, ajudaram-me a realizar este trabalho.

## RESUMO

O presente estudo representa a busca de uma nova síntese da Consciência enquanto fenômeno psíquico especificamente humano, de natureza histórica, originado no processo de trabalho ou na atividade produtiva.

A análise aqui realizada levou-nos, logo de início, a uma questão fundamental, qual seja, a questão do método em Psicologia.

Neste sentido, este trabalho pretende contribuir para a divulgação de uma nova vertente teórico-metodológica de análise dos fenômenos psíquicos humanos: a abordagem histórica em Psicologia, fundamentada no materialismo histórico dialético.

Segundo essa abordagem, a natureza da Consciência do sujeito depende da natureza da sua Atividade e, por isso, a primeira questão é descobrir as relações da Atividade e a Consciência.

Desse modo, o presente estudo constitui-se, basicamente, numa análise histórica das categorias Atividade e Consciência.

A Atividade é aqui entendida como uma macro-estrutura de natureza histórica, cuja forma geneticamente primária e básica é a atividade externa ou prática, mediante a qual o indivíduo produz, socialmente, sua existência material e espiritual.

Quanto à Consciência, ela é considerada, não como um 'campo' contemplado pelo sujeito e sobre o qual se projetam as imagens sensoriais e as idéias, mas como um movimento interno particular determinado e incluído no movimento externo da atividade humana. Através dessa abordagem, procura-se por em evidência a categoria 'consciência psicológica', buscando compreender os componentes gerais da consciência individual e as transformações históricas que ligam o psiquismo do indivíduo concreto e a consciência social.

"...desde o início, a questão a respeito do que sou remete à pergunta: onde estou. E onde estou?

- Estou num tempo, num lugar, entre coisas que me rodeiam, pessoas com quem falo.

A consciência é, primariamente, este contato com a proximidade, com os contornos que imediatamente me chocam, exigem e perturbam.

Estou em determinado lugar e, a partir dele, principio a ser. Antes estou, depois sou".

Roberto Gomes, Crítica da Razão Tupiniquim .

"O verdadeiro objeto da consciência do sujeito depende da natureza da sua atividade.

Deste modo, a primeira questão ... é descobrir os nexos da atividade e a consciência".

A. N. Leontiev

## SUMÁRIO

	página
RESUMO	
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - A PSICOLOGIA TRADICIONAL E O ESTUDO DA CONSCIÊNCIA: UMA RETROSPECTIVA HISTÓRICA	8
1.1. A Psicologia Subjetivo-Empirista e Sua Concepção da Consciência.....	8
1.2. A Psicologia Objetivo-Positivista e a Negação da Consciência.....	11
CAPÍTULO II - A ATIVIDADE PRODUTIVA COMO OBJETO DE ES- TUDO DA PSICOLOGIA.....	17
2.1. A Atividade Humana e a Psicologia - Considerações Preliminares.....	17
2.2. A Estrutura Básica da Atividade Hu- mana.....	19
2.3. A Atividade Objetivada e o Psiquis- mo.....	24
2.4. A Atividade Externa como Objeto de Estudo da Psicologia.....	29
2.5. A Determinação Externa da Atividade Interna - O Processo de "Interiori- zação".....	32

CAPÍTULO III - A PRODUÇÃO SOCIAL DA CONSCIÊNCIA.....	37
3.1. A Atividade como Condição de Surgimento da Consciência.....	37
3.2. A Estrutura e o Desenvolvimento Histórico da Consciência como Categoria Psicológica.....	39
3.2.1. As "Imagens Sensoriais" como Base Concreta da Consciência.	45
3.2.2. Os "Significados" como os Formadores Primordiais da Consciência.....	46
3.2.3. O "Sentido" como o Plano mais Íntimo da Consciência.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
BIBLIOGRAFIA.....	69

## INTRODUÇÃO

A abordagem histórica da Psicologia teve início com a introdução, nessa área, das teses do materialismo histórico dialético, a partir de 1923 (1).

Constitui o ponto de partida teórico-metodológico dessa nova postura em Psicologia a Tese I de Karl Marx sobre Feuerbach, indicando que "o defeito fundamental do materialismo tradicional - inclusive o de Feuerbach - consiste em conceber o objeto, a realidade ou o mundo sensível, apenas sob a forma de objeto, de intuição e não como atividade humana concreta, como prática, de modo subjetivo. Isso explica por que o lado ativo foi desenvolvido pelo idealismo - mas apenas de forma abstrata, pois o idealismo não conhece, natu

---

(1) Estas teses são trabalhadas, principalmente, pelos seguintes autores:

KORNILOV, K.N. Psicologia Moderna y Marxismo, 1923;

VIGOTSKI, L.S. La Consciencia como Problema de la Psicologia de la Conduta, 1924.

RUBINSTEIN, S.L. Los Problemas de la Psicologia em las Obras de Marx, 1924.

POLITZER, G. Critique des Fondements de la Psychologie, 1929.

LEONTIEV, A.N. Teoria Geral do Desenvolvimento do Psiquismo, 1935.

almente, a atividade real como tal ..."(2).

Em outras palavras, essa tese critica o fato de que o materialismo tradicional ou vulgar considera o conhecimento humano como resultado direto das influências dos objetos sobre o sujeito cognoscente, sobre seus órgãos dos sentidos e não como um produto da atividade humana concreta que é, ao mesmo tempo teórica e prática.

Segundo Marx, não existe conhecimento à margem do processo vital que, por sua própria natureza, é, originariamente, um processo prático ou material. "Na própria organização corporal dos indivíduos está contida a necessidade de entrar em relação ativa com o mundo exterior ... Ao influir sobre o mundo os homens o modificam e, assim, modificam também a si próprios ... Por isso, o que os homens são está determinado pela sua atividade concreta e pelas condições de vida alcançadas pela sociedade, historicamente ( 3 ).

Esse fato leva a afirmar que "a consciência está, indissolúvelmente, ligada às condições de produção da existência, às formas de intercâmbio e de cooperação e às idéias que nascem da atividade material. Isso não significa, porém, que os homens representem nessas idéias a realidade de suas condições materiais, mas, ao contrário, representam o modo como essa realidade lhes aparece na experiência direta ..."( 4 ).

Dai se conclui que não há uma identificação direta da prática imediata do indivíduo com o conhecimento humano. No entanto, é por meio desta que ocorre a apropriação, pelo indivíduo, da prática social historicamente acumulada e surgem para o homem as tarefas cognoscitivas, mediante as quais ele de

(2) MARX, K. e ENGELS, F. Teses sobre Feuerbach, in: A Ideologia Alemã e outros escritos. (Textos selecionados por Octávio Ianni). RJ. Zahar, 1965, p. 87.

(3) MARX, K. e ENGELS, F. A Ideologia Alemã, p. 15.

(4) IBIDEM, p. 21.

envolve a percepção, o pensamento, a consciência e estabelece os critérios de adequação e verdade dos seus conhecimentos. Por isso, a discussão sobre a realidade ou irrealidade do pensamento isolada da prática é puramente escolástica( 5 ).

Marx e Engels consideram, também, que suas premissas não têm nada de abstrato, nem são dogmas de nenhum tipo; senão que são premissas reais de que somente é possível abstrair-se na imaginação. Elas partem dos indivíduos reais, das suas condições concretas de vida, sejam aquelas que eles encontram prontas, sejam aquelas que eles produzem com sua atividade( 6 ).

Em outra passagem de Marx, lemos que "a história da indústria e da sua existência concreta são o livro aberto das forças humanas fundamentais, psicologia humana sob a forma sensível, que não tinha sido, até agora, considerado nas suas ligações com a essência do homem, mas apenas do ponto de vista exterior, da utilidade ... A psicologia, para a qual este livro, isto é, esta parte mais real, mais sensível e mais palpável da história, está fechado, não pode tornar-se uma ciência real com um conteúdo real ... " ( 7 ).

Essas idéias, com as quais trabalharemos ao longo do presente estudo, estão na base da crítica à psicologia tradicional ( 8 ) e dão fundamento à abordagem histórica da Psicologia, que, a nosso ver, constitui um passo decisivo para que essa área do saber supere os impasses teórico-metodológicos que a caracterizam, desde suas origens.

( 5 ) MARX, K. e ENGELS, Teses sobre Feuerbach, p. 87 e 88.

( 6 ) MARX, K. e ENGELS, A Ideologia Alemã, p. 14

( 7 ) MARX, K. Textos Filosóficos, SP. Martins Fontes, 1975. p. 59.

( 8 ) Denominamos Psicologia tradicional as correntes subjetivo-empiristas e as objetivo-positivistas.

Nosso objetivo, com o presente trabalho, é chegar a uma nova síntese de compreensão da Consciência, como um reflexo psíquico superior ou especificamente humano e de natureza histórica que mediatiza a Atividade dos indivíduos.

As discussões aqui empreendidas fundamentam-se, basicamente, em L.S. VIGOTSKI e A.N. LEONTIEV (9), psicólogos pioneiros na abordagem histórica em Psicologia, cujas idéias vimos estudando e discutindo com nossos colegas e alunos de Psicologia Educacional da Universidade Federal de Viçosa, nos últimos quatro anos.

No primeiro capítulo, fazemos uma breve retrospectiva histórica da psicologia tradicional, no que se refere ao estudo da consciência e do comportamento humano.

Partimos das idéias de WUNDT, principal representante da corrente introspectiva em Psicologia; passamos pelas correntes sociológicas, baseadas em DURKHEIM e chegamos às idéias correspondentes ao pensamento de FREUD, mostrando como nenhuma dessas abordagens conseguiu penetrar, de fato, na estrutura interna da Consciência enquanto fenômeno psíquico.

Em seguida, apontamos os diversos caminhos seguidos pela psicologia voltada para o estudo do comportamento, destacando o fato do abandono da Consciência, sobretudo, pelas correntes ligadas ao modelo positivista de ciência.

---

(9) Esses psicólogos tiveram suas idéias divulgadas no Brasil, inicialmente, pela Dr. Sílvia Lane, da PUC-SP, que se encontra empenhada em redefinir as bases da Psicologia Social (Veja: LANE, S.M. Uma Redefinição da Psicologia Social, in: Educação e Sociedade, jun., 6, 1980, p. 96 a 103).

Mostramos que, apesar da diversidade de correntes psicológicas hoje existentes, o comum entre elas, do ponto de vista teórico-metodológico, é o fato de que partem de um esquema de análise reducionista e dicotômico, concebendo o indivíduo e o meio como 'coisas' absolutamente opostas e não como realidades produzidas sócio-historicamente.

Chamamos, também, a atenção para as posições ecléticas e as reformistas, que chegaram a levantar importantes questões na psicologia, porém pouco trouxeram, em termos de avanço real, para a compreensão dos fenômenos psíquicos humanos.

No segundo capítulo, que consideramos fundamental, procuramos analisar a Atividade como objeto de estudo da Psicologia.

Partimos da análise da estrutura básica da Atividade, decompondo seus elementos internos e procurando estudá-los como elementos em movimento. Analisamos, também a categoria 'atividade objetivada' e sua relação com a Psicologia. Discutimos, também, as questões fundamentais sobre a relação da atividade externa e a atividade interna, bem como a sua importância para a Psicologia. Concluimos com um estudo sobre a determinação externa da atividade psíquica, segundo a abordagem histórica na Psicologia.

No terceiro e último capítulo tratamos da produção sócio-histórica da Consciência.

Retomamos alguns pontos sobre a questão da Atividade como condição de surgimento do psiquismo e através deles fazemos uma análise da estrutura e do desenvolvimento da Consciência, como categoria psicológica.

Partimos de uma análise do reflexo, considerando-o um fenômeno que se desenvolve historicamente ao mesmo tempo que a atividade.

Em seguida, analisamos os elementos que compõem a estrutura da Consciência como categoria psicológica (as imagens sensoriais, os 'significados' e o 'sentido'), chamando a atenção para o movimento histórico dialético que os caracterizam na Consciência.

Como considerações finais, procuramos sintetizar as principais questões discutidas ao longo do nosso trabalho.

Recuperamos alguns pontos básicos que distinguem a abordagem tradicional e a abordagem histórica na Psicologia, acrescentando a eles algumas reflexões complementares sobre as implicações do método histórico no estudo dos processos da percepção e do pensamento, que estão na base da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.

## CAPÍTULO I

### A PSICOLOGIA TRADICIONAL E O ESTUDO DA CONSCIÊNCIA - Uma Retrospectiva Histórica

## CAPÍTULO

### A PSICOLOGIA TRADICIONAL E O ESTUDO DA CONSCIÊNCIA - Uma Retrospectiva Histórica

A Psicologia tradicional estuda o que se produz na Consciência, mas não, como se produz a Consciência.

#### 1.1. A Psicologia Subjetivo-Empirista e Sua Concepção da Consciência

Neste capítulo inicial do nosso trabalho fazemos uma retrospectiva histórica das tentativas de conceituação da Consciência, pela Psicologia tradicional. Observamos que, apesar dos diferentes enfoques, a Consciência é reduzida à condição de um epi-fenômeno, isto é, ela se identifica com os processos psíquicos que estão em sua superfície, ficando, assim, descaracterizada como um fenômeno psíquico especial. Podemos notar esta interpretação já em WUNDT, quando afirma que "... a consciência está contida nos estados psíquicos que encontramos em nós mesmos, sejam quais forem esses estados; e, por isso mesmo, não podemos compreender sua essência: todas as tentativas de definir a consciência

conduzem a uma tautologia ou a definições de eventos que transcorrem na consciência, mas que não a constituem porque a pressupõem" (10).

Constatamos a mesma posição em NATORP, quando diz: "... a consciência carece de estrutura própria; ela é somente uma condição de existência do psiquismo. Ainda que sua existência seja um fato psicológico absolutamente fidedigno, ela não é passível de definição e é deduzível somente de si mesma" (11).

Pensamento semelhante encontramos em STAUT, ao dizer que "... a consciência é apenas a qualidade dos fenômenos e processos psíquicos, que se expressa na representação que esses fenômenos e processos têm para o sujeito. Esta qualidade não pode ser conhecida, pode apenas ser ou não ser" (12).

Ocupa uma posição um tanto particular, nesta questão, a teoria da Consciência ligada à escola sociológica francesa, com origem em DURKHEIM. Segundo esta escola, "... a consciência individual nada mais é do que o resultado da influência que a consciência da sociedade exerce sobre o indivíduo, através da qual o psiquismo se socializa e se intelectualiza. Esta socialização e intelectualização do psiquismo é, precisamente, a consciência" (13).

Como se percebe, também nesta concepção não se reconhece nenhum conteúdo psíquico próprio da Consciência, uma vez que ela continua sendo interpretada como um "plano", no qual se projetam os conteúdos da consciência social. Apenas que, neste caso, o conceito de Consciência identifica-se com o de ciência, ou seja, a consciência seria "com-ciência" ou produto da comunicação das consciências.

(10) WUNDT, W. in: LEONTIEV, A.N. Actividad, Consciencia y Personalidad, Buenos Aires, Ediciones Ciencias del Hombre, 1978, p.23.

(11) NATORP, P. in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p.23.

(12) STAUT, in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 23.

(13) DURKHEIM, E. in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 24 e 25.

Outra direção seguida nas tentativas de conceituar a Consciência consiste em apresentá-la como um centro unificador dos fenômenos psíquicos, ou seja, a união das funções, capacidades e propriedades psíquicas. Segundo esta posição "a consciência é o amo das funções psíquicas". Esta interpretação da Consciência deixa, ainda mais claro, o seu caráter indefinido e abstrato. A esse respeito, JAMES assim se expressa: "fazem já vinte anos que duvido da existência do que se denomina consciência(...). Parece-me que chegou a hora de que todos renunciem abertamente a ela" (14).

A verdade é que nem os adeptos da introspecção, nem os fenomenólogos e nem os existencialistas, puderam penetrar, de fato, na estrutura da Consciência. Pelo contrário, ao entenderem por Consciência apenas o conteúdo fenomênico desta, com suas relações internas ou ideais, eles insistem, simplesmente, na "despsicologização", se assim se pode dizer, dessas relações internas.

Mesmo as tentativas de penetrar no fundo ou "por detrás" da Consciência, desenvolvendo a chamada "região inconsciente do psiquismo", nada mais fizeram do que manter a concepção da Consciência como um "centro organizador" dos processos psíquicos. Isso pode ser constatado a partir de FREUD, que leva o problema da Consciência para além da esfera do psicológico propriamente dito, pois, segundo ele, a instância principal ou o centro da Consciência - o superego - é, na realidade, metapsíquico(15).

Enfim, constatamos que nenhuma destas abordagens chega a compreender a "Consciência" em suas particularidades psicológicas ou como um fenômeno que possa ser considerado objeto de estudo da Psicologia.

Ao contrário, o que se seguiu foi o abandono dessa questão pela Psicologia, como veremos a seguir.

(14) JAMES, W., in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 25.

(15) FREUD, S. in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 26.

## 1.2. A Psicologia Objetivo-Positivista e a Negação da Consciência

Com o desenvolvimento das investigações interdisciplinares, a Consciência deixou de interessar aos psicólogos, cedendo lugar a objetos de estudo mais ao alcance dos modelos das ciências positivistas. A Psicologia passou a aliar-se à neurofisiologia, às ciências lógico-matemáticas, à sociologia, à cibernética etc., enveredando-se por caminhos reducionistas, que a foram distanciando, cada vez mais, do seu objeto de estudo original (16).

Também não é muito diferente a posição das correntes ecléticas e dos psicólogos que procuram um caminho através da revisão de alguns pontos das diversas correntes mais radicais. Por exemplo, o behaviorismo radical foi substituído por um neo-behaviorismo conciliador, o gestaltismo por um neo-gestaltismo, o freudismo pelo neo-freudismo (17).

Assim, apesar da diversidade de correntes psicológicas hoje existentes, o comum entre elas, do ponto de vista teórico-metodológico, é o fato de que partem de um esquema de análise reducionista e dicotômico, ou seja, concebem o indivíduo e o meio como coisas opostas, não percebendo a natureza histórica que os caracterizam e os vinculam entre si. Este esquema já estava presente na psicofísica e na psicologia fisiológica do século passado, quando a preocupação principal consistia em estudar a dependência "natural" entre os fenômenos psíquicos e os estímulos do meio que os suscitam.

No entanto, os limites teóricos-metodológicos dessas abordagens reducionistas e dicotômicas não demoraram a ser apontados pelos psicólogos que permaneceram preocupados com os fenômenos psíquicos especificamente humanos, isto é, com os processos que supõem uma atividade interior.

(16) Vide LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 61.

(17) Ibidem, idem.

Uma das tentativas de ir além dessas abordagens dicotômicas, foi proposta por TOLLMAN e outros, com o postulado das "variáveis intervenientes", segundo o qual "as causas externas atuam através das condições internas" (18).

Contudo, embora essas primeiras tentativas apresentem as condições internas como "variáveis intervenientes", ao concebê-las como estados habituais do sujeito, que apenas se alteram sob a influência dos estímulos externos, elas não trazem nada de novo ao esquema anterior, uma vez que modificando-se esses estados internos, os organismos comportam-se de maneira diferente em sua interação com o meio. Isso é claro até mesmo nos organismos inanimados. Fazemos uso de exemplos de LEONTIEV para ilustrar esse fato: "Num solo úmido, as pegadas se marcam nitidamente, enquanto que num terreno seco não acontece o mesmo. Nos animais e no homem isso pode ser observado com maior clareza: um animal em estado de fome reage ao estímulo alimentar de maneira diferente que o animal saciado; um homem apaixonado pelo futebol reage ao resultado de uma partida de modo distinto que um indivíduo indiferente a esse esporte" (19).

O estudo da natureza e do papel desses estados internos seguiu diversas direções, tanto no behaviorismo, quanto na "gestalt" e na chamada "psicologia profunda", porém em todos eles, a questão fundamental se manteve: esses estados internos continuaram sendo vistos como fenômenos inatos ou como produtos diretos do meio, não se considerando a natureza histórica que inclui tanto o sujeito quanto o meio em que ele vive.

Outra interpretação das "variáveis intervenientes" foi proposta pelos adeptos da moderna culturologia americana. WHITE, um dos fundadores desta corrente, desenvolveu a idéia da determinação cultural dos fenômenos sociais na

(18) TOLLMAN et alii, in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 62.

(19) LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 62 e 63.

conduta dos indivíduos. Segundo ele, o surgimento do homem e da sociedade humana fazem com que as relações do organismo com o meio, antes diretas e naturais, comecem a ser mediatizadas pela cultura, que se desenvolve sobre a base da produção material<sup>1</sup> atua sobre os indivíduos sob forma de significados transmitidos, sobretudo, pela linguagem. Esse autor propõe a fórmula de três elementos que compõem a conduta do homem: o organismo, os estímulos culturais e a conduta. Entretanto, tal como as tentativas anteriores, esta fórmula cria apenas a ilusão de que se supera o tradicional esquema dicotômico. Ao incluir neste esquema a variável cultura, entendida como um sistema de sinais ou símbolos, essa abordagem produz apenas uma substituição de termos: os objetos reais são substituídos por seus significados. Na verdade, continua prevalecendo o esquema dicotômico, somente que, agora, o estímulo material direto é substituído pelo estímulo cultural, expresso pelos símbolos<sup>(20)</sup>.

Mesmo os resultados de pesquisas obtidos no estudo do cérebro e dos órgãos dos sentidos, realizados por fisiólogos e psicofísicos, embora tenham mostrado a importância dos fatores fisiológicos, que dão suporte aos fenômenos psíquicos, não conseguiram explicar a essência do psiquismo humano. Esses estudos limitaram-se a estudar a relação do fisiológico e o psicológico, como o fizeram o idealismo fisiológico de MULLER e o idealismo dualista de WUNDT<sup>(21)</sup>.

Outra abordagem ao problema do psiquismo é a realizada pela teoria reflexiológica de PAVLOV, na qual a atividade psíquica aparece como produto e condição dos vínculos reais do organismo com o meio circundante. Essa abordagem sugeriu uma orientação essencialmente nova às investigações, ao focar os fenômenos cerebrais em sua interação com os fenômenos psíquicos; porém não conseguiu ultrapassar a dificulda

(20) WITHE, L. in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 63 e 64.

(21) Vide LEONTIEV, op. cit. p. 42.

de teórica fundamental, expressa na impossibilidade de se reduzir o nível de análise psicológica ao da análise fisiológica, e as leis da atividade psíquica às leis da atividade cerebral(22).

A contribuição desses estudos consistiu em mostrar a necessidade de se estabelecer a diferença entre os processos psíquicos e os mecanismos fisiológicos que estão na sua base. Sem esta diferenciação seria impossível, por certo, estabelecer a correlação entre esses dois níveis de processos distintos.

Com eles, surgiu um sistema de métodos de investigações psico-fisiológicas, graças aos quais, o estudo concreto dos processos psíquicos pôde, pelo menos, ultrapassar os limites das posições naturalistas, que atribuíam, simplesmente, ao cérebro o papel principal na formação de psiquismo.

Posteriormente, com a inclusão na Psicologia das idéias da cibernética ou "teoria geral dos sistemas", o interesse pela compreensão do reflexo psíquico passou a ocupar o centro das atenções dos estudiosos dessa questão. Chegou-se mesmo a pensar ser este o passo decisivo no sentido de explicar, definitivamente, a interação dos organismos vivos com o meio.(23).

A aplicação da cibernética ao estudo da atividade psíquica deu-se, sobretudo, no campo da psico-engenharia, considerado como um caso particular dos sistemas de direção. A partir daí, os conceitos de "retroalimentação", "regulação", "informação", "modelo" e outros deste estilo passaram a ser amplamente utilizados na Psicologia.

---

(22) PAVLOV, P.I. in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 42 e 43.

(23) Vide WIENER, N. Cibernética e Sociedade, SP.: Cultrix, 1959.  
Veja, também, APTER, M. Cibernética e Psicologia. Petrópolis, Vozes, 1960.

Contudo, embora tenha contribuído no estudo dos mecanismos do reflexo sensorial elementar, essa abordagem revelou-se, também, incapaz de explicar os níveis superiores do reflexo psíquico, especificamente humanos. As tentativas de redução dos fenômenos psicológicos às características dos fenômenos analisados pelo modelo da cibernética apresentaram os mesmos limites das correntes que procuraram reduzir a Psicologia à Fisiologia, culminando num paralelismo psico-físico.

Na realidade, todas as posições reducionistas na Psicologia constituíram um retrocesso em relação às teorias anteriores - ditas não-científicas - nas quais estava presente, ainda que de modo mistificado, a concepção do sujeito como um ser ativo e a distinção entre os níveis das ações práticas e o das ações cognitivas superiores.

Com a introdução na Psicologia das teses do materialismo histórico dialético, a Consciência voltou a ocupar lugar central na Psicologia, porém agora sob novas bases teórico-metodológicas.

Sobre essa nova abordagem da Psicologia, trataremos nos capítulos seguintes.

## CAPÍTULO II

### A ATIVIDADE PRODUTIVA COMO OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA

## CAPÍTULO II

### A ATIVIDADE PRODUTIVA COMO OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA

"O principal defeito de todo o materialismo do passado - inclusive o de Feuerbach - é que concebe o objeto, a realidade, o mundo sensível apenas sob a forma de objeto, de intuição e não como atividade humana concreta, como prática, de modo subjetivo. Isso explica por que o lado ativo foi desenvolvido pelo idealismo - mas apenas de forma abstrata, pois o idealismo não conhece, naturalmente, a atividade real, concreta como tal ..." (Karl Marx, Tese I sobre Feuerbach).

#### 2.1. A Atividade Humana e a Psicologia - Considerações Preliminares

Segundo a abordagem histórica da Psicologia, a Atividade constitui a unidade central da vida do indivíduo, mediatizada pelo reflexo psíquico da realidade, cuja função consis

te em orientá-la no mundo objetivo (24). Isso significa ver a atividade não como mera reação do indivíduo aos estímulos do meio, mas, ao contrário, como um processo complexo, de natureza sócio-histórica, através do qual o indivíduo transforma o mundo e a si próprio.

Essa concepção da atividade humana pode ser encontrada em Marx, a partir da sua Tese I sobre Feuerbach, indicando que:

"O principal defeito de todo o materialismo do passado - inclusive o de Feuerbach - é que concebe o objeto, a realidade, o mundo sensível apenas sob a forma de objeto, de intuição e não como atividade humana concreta, como prática, de modo subjetivo. Isso explica por que o lado ativo foi desenvolvido pelo idealismo - mas apenas de forma abstrato, pois o idealismo não conhece, naturalmente, a atividade real, concreta como tal ..." (25).

De acordo com essa afirmação, o ponto de partida para a revisão das bases teórico-metodológicas da Psicologia deve começar pela Atividade. Para isso há que se tomar essa categoria em sua plenitude: desde sua estrutura básica ou dos seus elementos universais, até as suas características concretas ou as suas formas concretas de existência em diferentes contextos sócio-históricos.

Trata-se, também, de analisar a forma como a Psicologia concebe a Atividade humana, apontando seus limites e procurando superá-los. Sobre essas questões falaremos a seguir.

---

(24) Vide LEONTIEV, A.N. Actividad, Consciencia y Personalidad. p. 66 e 67

(25) MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. in: A Ideologia Alemã, p. 87.

## 2.2. A Estrutura Básica da Atividade Humana

A preocupação em introduzir na Psicologia uma análise da atividade humana a partir da sua estrutura básica, ou seja, do estudo dos seus elementos básicos, aparece nos primeiros trabalhos de VIGOTSKI (26). Com ele, foram introduzidos na Psicologia os conceitos de ação, operação, fins, instrumentos, motivos etc.

Segundo esse autor, o elemento principal da atividade humana são as ações nela incluídas e estas constituem-se num processo subordinado à representação ou à imagem psíquica do resultado que se pretende alcançar ou do fim a ser atingido

As ações, como processos orientados conscientemente, surgem com a hominização do indivíduo, através do trabalho, que é a forma especificamente humana de atividade, mediatizada, simultaneamente, pelos instrumentos materiais e pela sociedade.

Originariamente, a atividade é um processo simples e prático cujo produto imediato atende de maneira direta às necessidades dos indivíduos nela envolvidos. Todavia com o seu desenvolvimento histórico, a Atividade passa a revelar sua estrutura básica, permitindo distinguir os elementos que a compõem. A mais simples divisão do trabalho traz consigo a necessidade da delimitação dos resultados intermediários ou parciais, isto é, das ações incluídas na Atividade.

---

(26) Vide: VIGOTSKI, L.S. Obras Psicológicas Escolhidas.  
in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 81 a 97.

Em geral, as necessidades individuais não são satisfeitas pelos resultados parciais alcançados através das ações realizadas pelos indivíduos. Ao contrário, essas necessidades se satisfazem pela participação dos indivíduos no produto final da atividade, segundo determinadas relações que eles estabelecem durante a realização da própria atividade. Em outras palavras, a atividade é um conjunto de ações realizadas por distintos indivíduos, sendo que cada um se desincumbe de tarefas específicas e é recompensado pela sua parte, segundo acordo pré-estabelecido.

Na ação ou na realização do resultado parcial da Atividade o indivíduo toma consciência da sua tarefa específica, porém, nem sempre, ele toma conhecimento do resultado final da atividade e do motivo que estão na sua base.

A delimitação dos fins e das ações subordinadas a eles provoca a separação das funções, originalmente, fundidas no motivo, propiciando o aparecimento de novas funções vinculadas às ações ou a cada etapa da atividade, que podem não coincidir com o objeto final ou com o motivo (27).

Suponhamos o caso em que o motivo (ou o objeto) de uma atividade seja o alimento. Imaginemos que, para satisfazer a necessidade de alimentação, o indivíduo deva executar ações intermediárias orientadas não imediatamente para o alimento, como, por exemplo, ganhar dinheiro para que possa comprá-lo. O motivo de sua atividade (o alimento) e a finalidade orientadora de suas ações parciais (ganhar dinheiro) são processos distintos que, embora interligados, não coincidem necessariamente. Essa coincidência ou não depende de condições determinadas historicamente.

---

(27) Vide LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 83.

A compreensão da natureza de uma ação exige, portanto, a análise da estrutura global da atividade, onde está contido o motivo ou o seu objeto. Em si mesma ou abstraída dos demais componentes da atividade, a ação não pode ser compreendida inteiramente, não passando de um processo externo. Por sua vez, a atividade não pode ser compreendida abstraída de seu conteúdo real, que são as ações nela incluídas. Portanto a atividade e a ação constituem processos distintos, embora interligados. Isso significa que eles podem sofrer transformações e ocupar diferentes posições na estrutura da atividade. Uma ação pode, por exemplo, estar a serviço de distintos motivos e, neste caso, ligar-se a diferentes atividades. A ação de ler um livro, por exemplo, pode estar cumprindo diversos motivos: ler para aprender algo, ler para passar o tempo etc. Em cada caso, a ação está a serviço de uma atividade distinta. Também é verdade o contrário, isto é, uma mesma atividade pode se concretizar através de distintas ações. Assim o objetivo de aprender algo pode ser atingido de diferentes modos como, por exemplo, através de uma leitura, da observação direta de um fenômeno etc.

Na análise da ação, na estrutura da atividade, é fundamental considerar que esta pressupõe sempre o alcance de fins concretos, que se materializam durante a sua realização. As ações e seus fins podem aparecer desligados do fim geral e do motivo que originariamente a tenham suscitado.

A delimitação do fim e do motivo, isto é, a compreensão pelo sujeito do resultado que ele pretende alcançar e do objeto que está na origem da sua atividade, motivando-a, é um processo psicológico complexo que as abordagens tradicionais em Psicologia não chegaram a compreender. Elas se limitaram a tratar dos fins e motivos aparentes. No entanto, a delimi-

tação dos fins e a tomada de consciência destes são processos distintos e, de modo algum, se produzem automática ou instantaneamente; ao contrário, eles ocorrem durante a realização da ação. Como observa HEGEL, "o indivíduo não pode de terminar o fim de seu atuar até que não tenha atuado" (28).

Outro fato importante a se considerar no estudo das ações e dos fins é que toda ação é determinada por uma situação concreta. Ainda que para o sujeito o fim possa parecer abstraído da situação, ele está sempre incluindo nela. Além do seu aspecto subjetivo-consciente, a ação tem também um aspecto objetivo ou externo e este é definido, não por um fim determinado pelo sujeito, mas, pelas condições objetivas em que a ação se desenvolve. Em outras palavras, a ação é uma tarefa cujo fim é determinado, em parte pelo indivíduo e, por outro lado, pelas condições externas historicamente estabelecidas.

Isso leva à necessidade de distinguir a ação, como o elemento consciente da atividade e a operação que é um elemento não imediatamente consciente. Embora as ações apareçam sempre relacionadas com as operações, isso não significa que tais termos coincidam. A não coincidência entre eles surge de modo particularmente claro, nas ações que se realizam através de instrumentos materiais. Nestes se verifica que uma mesma ação pode ser operacionalizada através de diferentes modos. Por exemplo, a ação de escrever uma carta pode ser operacionalizada com uma caneta, com uma máquina de datilografia etc. Seja através de qualquer destes instrumentos, a ação permanece a mesma; o que se altera é a operação a ser realizada. Assim, as ações e as operações são processos dis-

---

( 28 ) HEGEL, F. in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 85

tintos, embora relacionados. Eles têm origem, desenvolvimento e destino que os diferenciam. As ações originam-se das transformações da atividade; por sua vez as operações resultam das transformações da ação. Isso pode ser verificado, por exemplo, na ação de conduzir um automóvel. Esta ação inclui uma seqüência de operações distintas por sua natureza, porém relacionadas entre si e com a Atividade.

De qualquer modo, a ação não é algo separado da operação, tal como esta não se separa da Atividade. Mesmo quando uma operação é executada totalmente pela máquina, em última instância, ela está inserida numa ação e numa atividade que têm origem humana. Consequentemente, a análise da atividade não pode ser uma análise abstrata em que os seus componentes não são levados em conta no seu movimento dinâmico. Esse movimento mostra, também, um outro aspecto dos elementos da Atividade que ainda não consideramos. Trata-se do fato de que uma atividade pode perder o motivo que a tenha suscitado, originariamente, passando a ser impulsionada por outro motivo. Nesse caso, ela se transforma em outra atividade embora as ações e as operações permaneçam as mesmas. Por sua vez, uma ação pode adquirir uma força propulsora própria durante sua realização e transformar-se em uma atividade. Do mesmo modo, uma operação pode transformar-se numa ação, mudando, assim, a sua natureza na estrutura da atividade.

Os métodos da observação externa ou da introspecção não permitem entender essa dinâmica interna dos elementos da atividade e, com isso, não compreendem, também, a natureza dinâmica do reflexo psíquico que mediatiza a atividade.

Outra característica básica da atividade, fundamental para a Psicologia, é a da unidade comum existente entre a atividade externa e a atividade interna, bem como dos princípios comuns que orientam a relação entre ambas.

Há algumas atividades nas quais, praticamente, todas as operações são, essencialmente, internas, como é o caso da atividade cognoscitiva. É mais frequente, contudo, o caso em que as atividades internas efetuam-se mediante processos externos ou envolvendo operações práticas. O mesmo se dá com a atividade predominante externa. Em geral, ela supõe operações que têm forma de processos internos.

O fundamento desse processo, ou seja, dessa inter-relação das ações externas e as ações internas reside na própria natureza da Atividade que, como vimos, é uma macro-estrutura cujos elementos têm suas especificidades, mas são regidos por princípios comuns.

Finalmente, há que se considerar, também, o fato de que, na base das ações e das operações, como componente fundamental da Atividade, está o trabalho fisiológico do cérebro. Entretanto sobre essa questão não trataremos nos limites do presente estudo (29).

A seguir, passaremos a abordar a questão da 'Atividade objetivada' que nos interessa, mais diretamente, no sentido de explicar a gênese dos processos psíquicos.

### 2.3. A Atividade Objetivada e a Psicologia

As conclusões de VIGOTSKI sobre os elementos que compõem a estrutura básica da Atividade contribuíram para que a

---

(29) Sobre a atividade do cérebro, veja:

ROSE, Steven, O Cérebro Consciente, SP. Alfa Ômega, 1984.

Psicologia deixasse de considerar a atividade humana como um processo originariamente interno e também como um conjunto de reações do indivíduo aos estímulos externos, passando a vê-la como um processo concreto, de origem sócio-histórica.

Esse aspecto concreto da Atividade humana é tratado por LEONTIEV. Segundo este, na análise da Atividade, deve-se considerar que toda atividade visa atingir objetivos precisos ou atender a necessidades objetivas (30).

Assim, as atividades dos indivíduos podem distinguir-se por um aspecto qualquer: seja pela sua forma interna ou externa, por suas características temporais ou espaciais, por seus mecanismos fisiológicos etc. Todavia, o que distingue, fundamentalmente, uma atividade de outra é o seu objeto. Nele está fixado o seu motivo, que pode ser tanto material quanto ideal, ou seja, ele pode ser produzido pela percepção sensorial imediata ou existir na imaginação ou no pensamento. O fundamental é que atrás do motivo está sempre a necessidade e, atrás desta, o objeto que lhe corresponde. O conceito de atividade está, portanto, necessariamente, relacionado ao de objeto e este ao de motivo. Não há atividade sem objeto e sem motivo, ainda que este esteja oculto para o sujeito.

A objetividade da atividade e do reflexo psíquico tem início já na pré-história da atividade humana, nos animais, quando seus processos vitais adquirem um caráter objetivo, ou seja, quando eles passam a ser orientados por um objeto que identificam como capazes de satisfazer suas necessidades (31).

(30) LEONTIEV, A.N. Atividad, Consciencia y Personalidad, p. 66 a 72.

(31) Vide: LEONTIEV, A.N. O Desenvolvimento do Psiquismo Animal, in: O Desenvolvimento do Psiquismo, Lisboa, Novo Horizonte, 1978. p. 19 a 68.

O desenvolvimento da atividade e do reflexo psíquico está relacionado ao desenvolvimento histórico do conteúdo objetivo da atividade. Em cada nova etapa do desenvolvimento da Atividade, ocorre uma subordinação, cada vez mais completa, dos processos que a realizam concretamente às propriedades materiais e espirituais do mundo com o qual o indivíduo interage. "É como se o mundo externo se incorporasse, cada vez mais à Atividade do indivíduo" (32).

Assim, o desenvolvimento da atividade objetiva determina o desenvolvimento do reflexo psíquico e este, por sua vez, mediatiza a Atividade do indivíduo; de modo que "toda atividade apresenta uma estrutura circular: 'aferência inicial' → 'processos aferentadores' que realizam concretamente os contatos do indivíduo com o meio externo → correção e enriquecimento do processo com o auxílio dos vínculos inversos provenientes da 'imagem aferente' inicial" (33).

Entretanto, essa estrutura não constitui um círculo vicioso. Ela apenas mostra que a imagem ou o reflexo psíquico da realidade é engendrado, não diretamente pelas influências do mundo exterior, mas pela atividade concreta do indivíduo, mediante a qual ele interage ativamente com o mundo exterior. Isto significa que a atividade é um processo deter-

---

(32) LEONTIEV, A.N. Actividad, Consciencia y Personalidad.  
p. 69 a 70.

(33) *ibidem*, 69.

minado, originalmente, pelos objetos do mundo exterior e, só posteriormente, é que ela passa a ser orientada pela imagem psíquica ou de modo subjetivo. Em outras palavras, este é um processo de dupla transição: que vai do objeto ao processo da atividade e desta ao seu produto subjetivo. Nesse movimento, ocorrem transformações fundamentais tanto no objeto quanto no sujeito. Nessas transformações, determinadas historicamente, a atividade do sujeito ultrapassa os limites da sua prática imediata, passando a incorporar os resultados da prática da humanidade à qual se agrega. Assim, ela se transforma em atividade objetivada ou "praxis" (34).

À primeira vista, pode parecer que essa questão da natureza objetivada da Atividade refere-se apenas à atividade cognoscitiva, não envolvendo a esfera dos fenômenos psicológicos mais íntimos; no entanto, não é assim. A idéia de que as necessidades psicológicas são originalmente internas e, portanto, de natureza subjetiva, corresponde a uma interpretação idealista ou metafísica.

A abordagem histórica estabelece, antes de tudo, uma diferenciação básica entre duas categorias de necessidade: as "necessidades biológicas", como pré-condição interior do organismo (que estão na base da própria vida) e as "necessidades objetivadas" (que são as necessidades capazes de orientar objetivamente a atividade do sujeito até o objeto que lhe deu origem). Por exemplo, a fome pode fazer com

---

(34 ) Vide: LEONTIEV, A.N. O Desenvolvimento do Psiquismo, p. 236 a 239.

que um animal se mova; pode fazer com que ele busque impetuosamente um alimento; porém, não há nela nenhum elemento que possa orientar objetivamente o movimento de busca do animal em determinada direção. Essa orientação objetiva da busca só acontece quando o animal percebe, de algum modo, onde pode estar o alimento e se encaminha até ele (35).

Esse processo mostra que, em sua fase inicial ou como um estado interno do organismo, a necessidade não pode orientar ou regular propriamente a Atividade; seu papel limita-se a estimular as funções vitais básicas do organismo, provocando uma excitação generalizada na esfera sensório-motriz, que se manifesta no comportamento de busca não orientada. Somente quando a necessidade se torna objetivada, ou seja, quando passa a se subordinar ao objeto que lhe corresponde é que a necessidade pode orientar, realmente, a atividade do indivíduo.

A subordinação da necessidade ao seu objeto significa uma antecipação de sua satisfação com um conteúdo que se extrai do mundo circundante. Com isso, a necessidade passa a um nível objetivo, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, subjetiva. Este fato permite compreender o aparecimento e desenvolvimento das necessidades psicológicas, mostrando que elas se situam além das necessidades biológicas e, por conseguinte, regem-se por leis sócio-históricas.

---

(35) Vide: SECHENOV, I.M. Obras escolhidas, in: LEONTIEV, A.N. Atividade, Consciencia y personalidad, p. 70 a 71.

#### 2.4. A Atividade Externa como Objeto do Estudo da Psicologia

O fato de que a atividade externa é a forma geneticamente primária e básica da Atividade humana tem para a Psicologia um sentido especial, pois, em geral, ela parte da situação contrária, ou seja, trata a atividade psíquica como um processo originariamente interno.

Uma tentativa de inverter essa tendência é a conhecida posição dos behavioristas de que a atividade interna é uma resposta do organismo aos estímulos externos. No entanto, como é sabido, essa posição não passa de uma inversão mecanicista da tese anterior, deixando em aberto a questão do relacionamento entre a atividade externa e a interna.

Com os estudos de RUBINSTEIN (36) um novo passo foi dado no sentido de incluir na Psicologia a atividade externa.

Esse autor, em seus primeiros trabalhos, observa que esta preocupação já estava presente em MARX, ao dizer que é na indústria material corrente que temos diante de nós o livro aberto das forças humanas essenciais e que a Psicologia para a qual este livro continuou fechado, não pode chegar a ser uma ciência real se ignorar a riqueza contida na atividade humana (37).

Contudo, em estudos posteriores, o próprio RUBINSTEIN afirmou que, "embora na esfera do psiquismo entre também a atividade prática, por meio da qual os homens modificam a natureza, o objeto de estudo da Psicologia fica cir-

---

(36) Vide: RUBINSTEIN, S.L. El Desarrollo de la Psicología--Principios y Métodos, in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 73.

(37) Vide: MARX, K. Textos Filosóficos, SP. Martins Fontes, 1975, p. 59.

cunscrito aos conteúdos especificamente psicológicos: a motivação e a regulação com que as ações se efetuam em consonância com as condições objetivas, nas quais se dão e que se refletem na sensação, na percepção, na consciência" (38). Ele está com isso afirmando que a atividade prática entra no estudo da Psicologia, porém, fica circunscrita a seu conteúdo particular, sob a forma de sensação, percepção, pensamento, ou seja, como processos e estados psíquicos internos do sujeito. Essa posição foi, mais tarde, criticada por LEONTIEV, ao afirmar que as posições de RUBINSTEIN são, pelo menos unilaterais, já que fazem abstração do fato principal, ou seja, de que tanto a atividade externa quanto a interna entram no processo de reflexo psíquico, tanto no seu conteúdo quanto na sua própria forma (39).

Esse mesmo autor ilustra sua afirmação com um exemplo do processo de transformação física de um objeto. Segundo ele este é um processo, basicamente externo, mediante o qual o sujeito entra em contato prático com o objeto, buscando atingir um fim prático, como, por exemplo, alterar sua forma. A imagem subjetiva produzida por esse processo é, obviamente, uma imagem psíquica e conseqüentemente, é objeto de estudo psicológico. Contudo, para compreender a natureza da imagem psíquica resultante desse processo é necessário analisá-lo em sua globalidade, reconstruindo sua gênese

---

(38) RUBINSTEIN, S.L. in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 73

(39) Vide: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 73.

se e desenvolvimento histórico e relacionando todos seus aspectos externos e internos. Não se pode admitir uma abstração da atividade exterior ou prática com relação à atividade interior ou psíquica e, muito menos, aceitar uma atividade psíquica que não se origine de uma atividade prática ou externa. Toda Atividade começa, necessariamente, por contatos práticos do indivíduo com os objetos externos a ele e, só posteriormente, passa a se realizar internamente.

Portanto, a atividade prática ou externa integra o objeto de estudo da Psicologia, não como uma questão específica, mas como uma função especial: a função de ligar o homem concretamente ao mundo exterior, criando, assim, as condições para o surgimento da atividade subjetiva ou psíquica. Conforme ilustrado no exemplo acima, o reflexo psíquico ou a imagem sensorial das propriedades físicas de um objeto é produzido pelo contato prático do homem com o objeto e não poderia ocorrer de outro modo. Contudo, como dissemos, a atividade humana tem que ser entendida como um processo em movimento. Na suas etapas iniciais, toda Atividade tem, necessariamente, a forma de processos externos, através dos quais o indivíduo entra em contato real com o mundo exterior em suas propriedades imediatas. À margem da atividade prática é impossível dar uma explicação convincente acerca da natureza e das particularidades do reflexo psíquico. Evidentemente que isto não significa negar a natureza da atividade psicológica, mas, tão somente, desmistificar as formas de abordagens metafísicas que concebem a atividade externa e a atividade interna como processos independentes.

Naturalmente que o processo de surgimento e desenvolvimento dos fenômenos psíquicos superiores é incomparavelmente, mais complexo do que o simples esquema do surgimento da

imagem psíquica como resultado do contato prático do indivíduo com um objeto do mundo exterior. No entanto, "por mais profunda que sejam as transformações históricas da atividade e do psiquismo, a atividade prática continuará sendo sempre a que produz a vida material do sujeito, que é, antes de tudo, um ser corporal" (40).

#### 2.5. A Determinação Externa da Atividade Interna: O Processo da Interiorização da Atividade Psíquica

A psicologia tradicional, como já dissemos, só se ocupa dos processos internos, ou seja, do movimento das representações ou das idéias na Consciência. Esses processos, do mesmo modo que as vivências internas não cognoscitivas, são considerados como os únicos fenômenos que constituem objeto de estudo da Psicologia (41).

A discordância dessa posição teve início com I. M. SECHENOV, ao afirmar que as atividades internas são precedidas das atividades externas e que, por isso, é ilegítimo contrapor o psíquico e o físico (42).

A partir daí iniciaram-se importantes estudos sobre a filogênese e a ontogênese do pensamento, como ponto de partida para a revisão de todo o campo conceitual da Psicologia.

Com a introdução na Psicologia do conceito de 'interiorização' puderam ser explicadas as origens das operações internas do pensar.

Denominou-se interiorização à transição segundo a qual os processos externos e também os objetos externos se

---

(40) Vide: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 75.

(41) ibdem, idem.

(42) Vide: SECHENOV, P.I. in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 75.

transformam em processos que ocorrem no plano da consciência; as vezes esses processos são submetidos a uma transformação específica, isto é, generalizam-se, tornando-se capazes de continuar uma forma de desenvolvimento que transcende os limites da atividade exterior.

O processo da interiorização é estudado no contexto de diversas questões: ontogenéticas, psicopedagógicas e psicológicas gerais. Todavia existem importantes diferenças, tanto nas bases teóricas de sua investigação, quanto em sua interpretação teórica.

Para PIAGET, a base principal das investigações sobre a origem das operações internas do pensamento, a partir dos atos sensório-motores, consiste na impossibilidade de se extrair os esquemas operativos do pensamento diretamente da percepção. Segundo ele, as operações mentais surgem através da realização das ações externas com objetos externos e, posteriormente, continuam desenvolvendo-se no plano da atividade interna ou mental, de acordo com suas próprias leis lógico-genéticas (43).

O conceito de interiorização passou a ser tratado pela abordagem histórica em Psicologia a partir de VIGOTSKI (44).

---

(43) Vide: PIAGET, J. O Papel da Ação na Formação do Pensamento. in: LEONTIEV, Atividade, Consciência/Personalidad, p. 76. a 77.

(44) Vide: VIGOTSKI, L.S. El Desarrollo de las Funciones Psíquicas superiores (1960), in: LEONTIEV, A.N. p.78.

Essa obra foi editada, em português, pela Martins Fontes, 1984, sob o título A Formação Social da Mente.

As conclusões de VIGOTSKI e seus continuadores (45) sobre essa questão, que o levaram a afirmar que a atividade psíquica origina-se na atividade externa, diferem, fundamentalmente, das concepções teóricas tradicionais. Suas idéias nasceram da análise das particularidades da atividade especificamente humana, ou seja, da atividade produtiva, que se realiza por meio de instrumentos e que é um processo social, desde sua origem, isto é, desenvolve-se por meio da cooperação e da comunicação entre os indivíduos. Ele destacou dois aspectos principais inter-relacionados, que devem constituir a base da Psicologia: a estrutura instrumental da atividade do homem e sua inserção no sistema de relações com outros homens, que são, precisamente os determinantes das peculiaridades dos processos psíquicos humanos. O instrumento mediatiza a atividade que liga o homem não só com o mundo das coisas, mas também com os outros homens. Devido a isso, sua atividade absorve a experiência da humanidade. Assim, os processos psíquicos humanos, ou suas funções psíquicas superiores, adquirem uma estrutura onde estão presentes meios e procedimentos que vão se formando no plano histórico-social, tornando passíveis de serem transmitidos pelos homens através do processo da colaboração e da comunicação.

Todavia, é impossível transmitir o meio ou o procedimento de trabalho, senão sob a forma exterior, sob a forma de ação ou de linguagem externas. Em outras palavras, os processos psicológicos superiores ou especificamente humanos nascem, unicamente, da interação do homem com o homem, ou seja, são primeiramente, inter-psicológicos e só depois começam a ser efetuados, independentemente, pelo indivíduo. Desse modo, "alguns desses processos perdem logo sua forma exte-

(45) Vide: GALPERIN, P.I. El Desarrollo de las Investigaciones sobre la Formación de las Acciones Mentales. in: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 77.

rior inicial, transformando-se em processos intra-psicológicos" (46).

A tese de que as atividades psíquicas internas derivam da atividade externa, historicamente estabelecida pela prática dos homens acumulada socialmente, e que nos indivíduos de cada nova geração essas atividades vão se formando ao longo do desenvolvimento ontogenético teve consequências importantes para a Psicologia. Em seguida, a ela se agregou outra tese de igual importância, ou seja, a de que, simultaneamente à transformação da atividade, o reflexo psíquico da realidade também se transforma, surgindo daí a Consciência, ou seja, o reflexo consciente da realidade pelo sujeito, onde se incluem sua atividade, as condições que o cercam e o próprio indivíduo..

No próximo capítulo trataremos, especificamente, da gênese e do desenvolvimento histórico da Consciência.

---

(46) VIGOTSKI, L.S. Internalização das Funções Psicológicas Superiores, in: Formação Social da Mente, SP. Martins Fontes, 1984. p. 59 a 65.

## CAPÍTULO III

## A PRODUÇÃO SOCIAL DA CONSCIÊNCIA

## CAPÍTULO III

## A PRODUÇÃO SOCIAL DA CONSCIÊNCIA

"A Consciência está indissoluvelmente ligada às condições de produção da existência, às formas de intercâmbio e de cooperação e às idéias que nascem da atividade material. Isso não significa, porém, que os homens representem nessas idéias a realidade de suas condições materiais, mas, ao contrário, representam o modo como essa realidade lhes aparece na experiência imediata ..." (Karl Marx, A Ideologia Alemã)

### 3.1. A Atividade como Condição de Surgimento da Consciência

Para o materialismo dialético, o reflexo é uma propriedade da matéria em geral, que adquire, na matéria viva, a forma de sensação e, no homem, chega à forma de reflexo psíquico ativo ou consciência. Isso não quer dizer, todavia, que os fenômenos psíquicos são engendrados pela evolução da matéria, enquanto tal. O que se afirma é que o

reflexo psíquico origina-se do mundo externo ao sujeito e que, por isso, "no estudo do reflexo psíquico deve-se ir não da sensação ao mundo exterior, mas do mundo exterior como fonte dos fenômenos psíquicos subjetivos..."(47).

Desse modo, como um reflexo psíquico da realidade que existe fora do sujeito, a Consciência assemelha-se às demais formas de reflexo próprias da realidade material. Porém este é apenas um aspecto do reflexo psíquico. O outro reside em que o reflexo psíquico consciente é algo vivo, produzido pela atividade humana concreta, caracterizada pelo movimento permanente de transformação do objetivo ao subjetivo(48).

Esse segundo aspecto constitui, precisamente, o fundamento básico do método histórico em Psicologia, através do qual se busca estudar as particularidades específicas do reflexo psíquico consciente, ou seja, a Consciência, tendo como ponto de partida a atividade concreta do indivíduo.

Segundo essa abordagem, a relação da imagem psíquica com a realidade externa não constitui um vínculo entre dois polos equivalentes, nem tampouco absolutamente dicotômicos. A relação entre eles reproduz a polarização de todo o processo vital, onde de um lado está situado o sujeito ativo e, no outro, a realidade externa a ele. Essa forma peculiar de relacionamento da imagem psíquica com a realidade externa constitui, exatamente, o ponto de discordância com a Psicologia tradicional, sobretudo a Psicologia behaviorista,

---

(49) LENIN, W. In: LEONTIEV, A.N. Actividad, Consciencia y Personalidad. p.42.

(48) LEONTIEV, A.N. op. cit. pgs. 41-105; veja também: CHEPTULIN, A. Matéria e Consciência. In: A Dialética Materialista. SP. Alfa ômega, 1982. p. 62 a 123.

que considera a atividade humana como um comportamento de resposta passiva do sujeito frente aos estímulos do meio.

A questão da natureza ativa do reflexo, ao interagir com o meio, chegou a ser enfocada pela Psicologia tradicional, porém ela não tratou da análise do seu surgimento histórico nem tampouco do seu desenvolvimento.

Para a Psicologia fundamentada na abordagem histórica, a subjetividade do indivíduo ou a "parcialidade" de sua consciência, que caracteriza o seu comportamento ativo frente ao meio, é um fenômeno de origem sócio-histórica. A imagem psíquica surge e se desenvolve, historicamente, através da atividade concreta do sujeito, mediante a qual ele interage com a realidade e estabelece suas relações sociais.

### 3.2. A Estrutura e o Desenvolvimento Histórico da Consciência como Categoria Psicológica

A presença da consciência ou do quadro subjetivo do mundo que se revela ao sujeito não constitui, aparentemente, nenhum problema teórico: o homem tem diante de si o mundo - e não o mundo e a imagem do mundo, separadamente. Nessa situação, o sujeito está diante de um "realismo natural", onde o reflexo psíquico identifica-se, imediatamente, com a consciência, dando a esta um caráter de amplitude ilimitada<sup>(49)</sup>

Assim, ao perguntarmos a nós mesmos se tomamos ou não consciência de um fenômeno, estamos, simplesmente, diante de uma questão prática e simples, que resolvemos instantaneamente.

---

(49) Vide: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 99.

No entanto, não se pode tomar como idênticos o campo da percepção e o campo da consciência. Nem tudo o que é percebido chega a ser conteúdo da consciência.

São comuns as situações em que o homem realiza operações, até complexas, sem tomar consciência do que faz, ou seja, de modo automático. Nesse caso, não se pode dizer que ele não percebe a situação, embora não tome consciência dela de um modo imediato.

A necessidade de tomar consciência ou de representar para si mesmo a imagem de um fenômeno ou processo, surge com o desenvolvimento histórico da atividade, passando de um mero processo adaptativo - que é próprio dos animais - à forma de atividade produtiva ou trabalho, que é a forma especificamente humana de atividade.

A característica fundamental da atividade humana (ou do trabalho) é que nela o produto existe, antes, na mente do sujeito, como imagem psíquica ou na forma ideal, mediando sua realização. Essa imagem psíquica constitui a imagem consciente ou o conteúdo da consciência. Assim, "o que distingue o pior dos arquitetos da mais hábil das abelhas, é que o primeiro, antes de realizar a sua obra, a constrói mentalmente. Acabado o trabalho, produz-se um resultado que já existia, desde o início na sua representação e, por conseguinte, de maneira ideal" (50).

Entretanto essas afirmações não explicam o processo de produção da consciência; apenas constatam sua existência e o seu papel ativo na realização da atividade.

A explicação da gênese e do desenvolvimento histórico da consciência só pode ser buscada na análise da atividade, conforme tivemos ocasião de ver no capítulo anterior.

(50) MARX, K. Textos Filosóficos, SP., Martins Fontes, 1975. p. 79.

Na atividade opera-se a transição do movimento a uma propriedade em repouso, de tal modo que a atividade realizada cristaliza-se no seu produto ou se "objetiviza", adquirindo, assim, a capacidade de ser transmitida pela linguagem em toda a sua riqueza.

Nesse movimento dialético, o conteúdo objetivo da atividade, fixado no seu produto, é internalizado no indivíduo, criando nele a imagem psíquica ou a representação viva do mundo.

Assim, a atividade humana não é um processo unilateral, através do qual a imagem psíquica passa do sujeito ao objeto e vice-versa. A transição sujeito-atividade-objeto desenvolve-se em uma seqüência de movimento circular, onde pode parecer indiferente qual desses elementos é o primeiro. No entanto, uma análise mais aprofundada revela que este não é, em absoluto, um movimento em círculo vicioso. Este círculo abre-se precisamente na direção da atividade prática do indivíduo, através da qual ele entra em contato real com os objetos do mundo e com a riqueza cultural historicamente construída. A atividade imediata do indivíduo incorpora-se, desse modo, à prática social acumulada, que é mais rica e complexa do que a atividade idealizada por sua consciência. Assim desenvolve-se a atividade do indivíduo e também sua consciência.

Em geral, o sujeito não chega a tomar consciência desse processo. O reflexo do produto da atividade aparece a ele como um fenômeno determinado, desde a origem, por sua consciência. De qualquer modo, a prática do indivíduo está sempre relacionada à prática humana acumulada, ainda que de modo não evidente para o sujeito.

Esse enfoque da consciência, como já dissemos, modifica, radicalmente, a abordagem de um problema central para a Psicologia: o da relação da imagem psíquica ou subjetiva com o mundo objetivo, superando o tratamento unilateral dado a esta questão pelas correntes psicológicas tradicionais. Admitindo-se que a imagem psíquica surge, diretamente, das influências do mundo exterior sobre o cérebro, como se explicaria que esta imagem possa existir fora do sujeito, ou seja, no mundo exterior?

Aparentemente, essa questão pode ser respondida com base nos esquemas de análise dicotômicos; só que antes é necessário admitir-se um processo de projeção secundária da imagem psíquica ao exterior. No entanto, essa proposição é inconsistente, pois os fatos atestam que, desde sua origem, a imagem psíquica, embora esteja no cérebro, é determinada exteriormente, ou seja, já é "extraída" do mundo objetivo. (Naturalmente, que, quando se diz "extraída", se quer dizer que se trata de um processo objetivo, acessível à investigação).

Esse processo surge, inicialmente, no mesmo sistema de relações objetivas que possibilita a passagem do conteúdo objetivo da atividade ao produto desta. Para a sua realização não basta que o produto da atividade se revele ao sujeito em suas propriedades materiais ou físicas. Deve ocorrer, antes, uma transformação de tal ordem nesse produto de modo que ele possa ser reconhecido pelo sujeito como um produto histórico, com um significado social. Essa transformação acontece pela mediação da linguagem que, como se sabe, é um produto social, ligando os participantes da atividade. A linguagem e os significados são portadores de conteúdos objetivos, mesmo quando distanciados por completo de

matéria ou substância física. Por exemplo, o alimento é um objeto material; ao contrário, a palavra alimento não contém nenhuma substância alimentícia. No entanto, ambos são realidades objetivas. A linguagem possui uma existência material, tal como os órgãos funcionais do cérebro e os sentidos são, antes de tudo, órgãos materiais, através dos quais, se efetuam a percepção e a tomada de consciência da realidade. Entretanto o funcionamento desses instrumentos é determinado pelas relações sociais. Todos eles expressam o nível de desenvolvimento alcançado pela sociedade.

Assim, a consciência, como forma especificamente humana de reflexo psíquico da realidade, só pode ser compreendida a partir das relações sociais onde o indivíduo se insere. À margem destas relações ou fora da consciência social, é impossível o surgimento do psiquismo individual sob a forma de reflexo consciente ou de imagem consciente.

Esta conclusão é importante sobretudo para que a Psicologia supere, definitivamente, suas concepções metafísicas na explicação dos fenômenos psíquicos e passe a considerá-los como produtos da atividade objetivada ou fenômenos de natureza histórica.

Em sua gênese histórica, que coincide com as formas de trabalho primitivas, a consciência resume-se na imagem psíquica da realidade imediata do indivíduo. Ao se desenvolver, a consciência amplia seu conteúdo, passando a incluir, não apenas a realidade imediata do indivíduo, mas também os resultados da prática produtiva historicamente acumulada. Desse modo, os conteúdos da consciência individual são determinados, antes de tudo, pelas relações sociais onde o indivíduo

se insere, através de sua atividade concreta e da comunicação. Assim, a consciência social não é apenas anterior à consciência individual; ela se funde, inicialmente com esta, ou seja, a consciência social e a consciência individual são, a princípio, um mesmo fenômeno, consideradas historicamente.

Posteriormente, com o desenvolvimento histórico das relações sociais, ocorre a ruptura entre elas e começa a existir uma consciência individual distinta da consciência social. A partir daí é que o indivíduo passa a tomar consciência das relações sociais onde ele se insere. Por exemplo, com a divisão social do trabalho e o regime de propriedade privada dos meios de produção, os trabalhadores passaram a vivenciar relações antagônicas e contraditórias frente aos meios e ao produto do trabalho coletivo. Com isto, sua consciência sofreu a influência dessas relações, passando a ter conteúdos, também, contraditórios, que tornam distintos os significados sociais e o significados pessoais que os indivíduos dão à sua atividade, às relações que os envolvem e a eles próprios.

Assim, a consciência dos indivíduos apresenta hoje um quadro sumamente complexo de transições e contradições determinadas pelas relações contraditórias que caracterizam a sociedade de classes.

À primeira vista, o fato de entrarmos nessa questão pode ser entendido como uma substituição da análise psicológica da consciência por uma abordagem sociológica. Porém não se trata disso. O que pretendemos é enfatizar que as particularidades psicológicas da consciência individual só podem ser analisadas, concretamente, em sua vinculação com a consciência social, que constitui sua primeira condição de existência.

### 3.2.1. As "Imagens Sensoriais" como Base Concreta da Consciência

As investigações tradicionais das imagens sensoriais, que constituem a base concreta da consciência individual, partem, em geral, de posições que levaram à idéia da "subjetividade pura", ou seja, o conteúdo sensorial das imagens é concebido, não como um elo de ligação da consciência com a realidade, mas, ao contrário, como um obstáculo ao reconhecimento da realidade exterior pelo indivíduo.

Essa postura tem origem nos estudos de HELMHOLTS. Este autor, ao analisar a fisiologia da visão, constatou ser impossível deduzir as imagens dos objetos diretamente das sensações e identificá-las com os "arabescos" que os raios luminosos projetam na retina (50). LEONTIEV observa que, dentro do sistema conceitual das ciências naturais, a única interpretação possível a essa questão era a de HELMHOLTS - ou seja, a de que ao trabalho dos órgãos dos sentidos associasse o trabalho do cérebro, estruturado segundo as impressões sensoriais provenientes da realidade externa(51).

Nessa visão, as imagens sensoriais presentes na Consciência eram concebidas como "coisas psíquicas" determinadas por "coisas físicas" opostas entre si. Ao concebê-las desse modo, essa interpretação realizava uma dupla abstração:

---

(50) Vide: HELMHOLTS. in: LEONTIEV, A.N. Atividad, Consciencia y Personalidad, p. 106 a 109.

(51) Vide: LEONTIEV, op. cit. p. 106 a 109.

por um lado, abstraia os processos sensoriais da estrutura global da atividade do sujeito; por outro lado, abstraia as imagens sensoriais da estrutura global da Consciência, estando aí o limite desta interpretação.

No entanto, ao contrário dos estudos que analisam os fenômenos psíquicos com base nos modelos das ciências naturais, a análise histórica trata os conteúdos sensoriais não como "coisas psíquicas" e sim, como a imagem psíquica do resultado da atividade humana, que constitui a "consciência imediata" ou a "consciência prática" do indivíduo, expressa através da linguagem e dos significados nela fixados socialmente.

### 3.2.2. Os "Significados" como os "Formadores" Primordiais da Consciência

Como vimos, as imagens sensoriais formam o conteúdo objetivo do reflexo psíquico e origina-se da atividade prática do indivíduo. Porém são os "significados" que, realmente, possibilitam o surgimento do reflexo psíquico superior ou da consciência.

Os significados originam-se de um processo através do qual as imagens sensoriais deixam de ser imagens genéricas e passam a ter uma nova qualidade na estrutura da consciência.

Segundo diz LEONTIEV, a perda no homem das suas funções sensoriais fundamentais - a visão ou audição, por exemplo - não chega a destruir os conteúdos da sua consciência. No entanto, esses conteúdos não se podem formar humanamente em um indivíduo que tenha suas funções sensoriais perfeitas, mas que esteja impossibilitado de se comunicar ou relacionar com outras pessoas (52).

(52) Vide: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 119.

A consciência não surge, portanto, primordialmente das funções sensorio-motrizas, mas, sobretudo, do relacionamento do indivíduo, ou seja da comunicação com seus semelhantes. É através desta que o indivíduo se apropria do mundo de modo humano, isto é, apreende a realidade em seu conteúdo social.

Todavia, é importante que se diga que, embora o portador dos significados seja a linguagem, não é esta que os determina. Os significados, tal como a linguagem em que eles se expressam, são, antes, produtos da prática social e atuam como instrumentos mediadores, através dos quais os homens estabelecem suas relações com a realidade e tomam consciência dela. Dito de outra maneira, nos significados está cristalizada, sob a forma de linguagem, o modo de existência da humanidade. Isso faz com que os significados tenham uma existência objetiva, isto é, eles existem como produtos sociais fixados na linguagem.

A principal dificuldade da análise psicológica dos significados, entendidos nestes termos, é que neles se reproduzem todas as contradições da realidade social, em seus aspectos materiais e espirituais.

A psicologia tradicional não se dá conta dessa questão, uma vez que, para ela, os conceitos ou os significados são concebidos, desde o início, como fenômenos psicológicos, ou seja, como produto da associação e generalização das impressões da própria consciência do sujeito, cujos resultados estão contidos na linguagem(53).

Outra interpretação consiste em admitir que o processo de formação e desenvolvimento dos conceitos ou significados fundamenta-se em leis objetivas e regulares, cabendo à Psicologia conhecer essas leis a fim de que possa ajudar no

(53) Vide: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. III.

desenvolvimento do processo, cuidando, sobretudo, dos desvios. Existem hoje, como dissemos, diversos estudos sobre o desenvolvimento ontogenético do pensamento (54). Esses estudos são unânimes em afirmar que os conceitos não se formam na criança ao mesmo tempo que as imagens sensoriais, senão que constituem um resultado do processo de apropriação dos significados elaborados historicamente e que este processo transcorre na atividade da própria criança, através da qual ela entra em contato com os objetos e com a linguagem.

O processo de domínio dos significados, segundo os estudiosos do desenvolvimento do pensamento, inicia-se, portanto, com a atividade externa da criança, através do contato direto com os objetos e pela mediação da comunicação prática. Nos primeiros estádios de seu desenvolvimento, a criança assimila significados concretos e imediatamente práticos; posteriormente, ela passa a dominar as correspondentes operações lógicas, mas, assim mesmo, em sua forma externa ou exteriorizada; finalmente, a criança consegue libertar-se, totalmente, das ações concretas e passa a dominar plenamente os significados abstratos ou os conceitos, chegando assim ao pensamento abstrato, que transcorre plenamente no plano da consciência.

Contudo, embora esses estudos representem grande avanço para a compreensão do desenvolvimento do pensamento, eles não esgotam a questão, pois tratam apenas do processo de formação "não casual" dos processos mentais, ou seja, de processos cujos motivos e fins não têm origem no sujeito e sim fora dele. Desse modo, essas investigações não chegam a ana

---

(54) Veja os trabalhos de PIAGET, J. e GALPERIN, P.I. aos quais já nos referimos nas p. 33 e 34.

Veja, também: FLAVELL, John H. A Psicologia do Desenvolvimento de Jean Piaget, SP. Pioneira, 1975.

lizar a questão psicológica fundamental, ou seja, o processo de elaboração dos fins e motivos pelo próprio sujeito. Assim, esses estudos não sentem necessidade de distinguir, na estrutura da atividade, as ações e as operações específicas que a compõem. Consequentemente, não sentem, também, a necessidade de estudar a estrutura interna da consciência.

No entanto, a consciência não se resume no funcionamento dos conceitos ou significados ou nas atividades do pensamento. Os significados e as operações intelectuais que eles englobam, abstraídos das suas relações com os processos psíquicos, não constituem, de início, um fenômeno psicológico. É através do seu movimento na estrutura interna da consciência que eles adquirem uma natureza psicológica.

Como já dissemos, o reflexo psíquico resulta do movimento dialético da atividade objetivada por meio da qual o indivíduo entra em contato com o mundo circundante. Nesse movimento o indivíduo apropria-se dos objetos materiais e também dos significados sociais mediatizadores dos vínculos entre o sujeito e o mundo. A presença desses significados, expressos na linguagem, modifica a natureza dos conteúdos sensoriais na consciência, fazendo com que eles tenham uma dupla vida: subjetiva e objetiva, simultaneamente.

Por isso a análise da consciência implica uma dupla tarefa. Por um lado, é necessário o estudo do funcionamento dos conceitos ou significados produzidos pelas relações sociais e fixados na linguagem (que constituem a consciência prática ou imediata do indivíduo). Por outro lado, é necessário, também, o estudo da atividade concreta do indivíduo, mediante a qual ele dá vida própria aos significados, atribuindo-lhe um sentido pessoal ou próprio, que é diferente ou mesmo oposto aos significados assimilados do exterior.

Esse sentido pessoal, que se origina das relações pessoais do indivíduo com a realidade social, constitui o plano mais íntimo da consciência, ligado diretamente à esfera da motivação.

### 3.2.3. O "Sentido" como o Plano mais Íntimo da Consciência

A consciência do indivíduo começa a existir, realmente, como um fenômeno psicológico, quando ele se torna capaz de delimitar para si mesmo, ou subjetivamente, o significado pessoal ou o motivo das ações incluídas na sua atividade, antes de executá-las. Isso significa que a atividade e os conteúdos da consciência existem, primeiramente, como fenômenos sociais que podem ser veiculados pela linguagem e, posteriormente, como fenômenos psicológicos que interagem com demais processos psíquicos: os motivos, estados emocionais etc. Por exemplo, nas situações em que as atividades/dos participantes de um trabalho têm um motivo comum, os significados expressos na linguagem e o sentido que cada participante dá ao trabalho identificam-se ou não se contradizem.

Porém, nas formas historicamente desenvolvidas de trabalho (com a divisão social do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção), os significados perdem sua sintonia original com a realidade imediata do sujeito e passam a existir nele com uma natureza dupla e contraditória. Esse fato faz surgir o "sentido", ou seja, o significado pessoal que o indivíduo atribui à sua atividade passa a ser diferente ou até oposto ao significado atribuído a ela pela sociedade.

Segundo MARX, os objetos do mundo exterior são concebidos pelo indivíduo, inicialmente, como meios de satisfazer necessidades ou como um 'bem útil' (56). Isso significa que para a consciência imediata existe uma identificação direta entre os significados sociais dos objetos, contidos na linguagem, e as necessidades que eles podem satisfazer. Todavia esta identificação inicial não se mantém. Com o desenvolvimento histórico da sociedade aparece logo a diferenciação entre os significados exteriores e o sentido dado pelo indivíduo ao que ocorre consigo mesmo e com o mundo.

Portanto, na análise da consciência individual, é necessário investigar as situações através das quais os significados aparecem diante do sujeito, ora em sua existência independente ou como objeto de sua consciência, ora como meios ou instrumentos sociais de apreensão da realidade, isto é, como parte dos processos de conhecimento do mundo pelo sujeito.

Isso quer dizer que os significados entram, necessariamente, em relações internas com outros fatores determinantes da consciência individual (os interesses, as motivações individuais etc.) e é nessas relações internas que eles adquirem uma natureza propriamente psicológica.

A Psicologia, desde suas origens, vem se preocupando em descrever os aspectos que caracterizam a individualidade ou a "parcialidade" do sujeito. No entanto, na psicologia tradicional, a individualidade ou a parcialidade do sujeito é entendida como manifestações da consciência expressas através da atenção seletiva, dos estados emocionais, das necessidades e inclinações pessoais (57).

(56) Vide: MARX, K. in: LEONTIEV, A.N., Actividad, Consciencia y Personalidad, p. 115.

(57) Vide: LEONTIEV, A.N. op. cit. p. 117.

- tações na psicologia educacional). Tese de Mestrado - Campinas, UNICAMP, 1983.
- FILHO, Adelmo G. Introdução à Crítica ao Dogmatismo. In: Teoria Política, nº 1, 1980. p. 81-95.
- FLAVELL, John H. A Psicologia do Desenvolvimento de Jean Piaget. SP. Pioneira, 1975.
- FOX, Logan. A Psicologia como Filosofia, Ciências e Arte. RJ. Zahar, 1975.
- GOULART, Iris Barbosa. Psicologia, uma Ciência humana aplicada à educação. AMAE Educando, p. 36-41, 1984.
- GREENING, Thomas (org.). Psicologia Existencial-humanista. RJ. Zahar, 1975.
- HEATHER, Nick. Perspectivas Radicais em Psicologia. RJ. Zahar, 1977.
- HEIDBREDER, Edna. Psicologia do Século XX. SP. Mestre Jou, 1981.
- JAPIASSU, Hilton. Introdução à Epistemologia da Psicologia. RJ. Imago, 1984.
- JAPIASSU, Hilton. A Psicologia dos Psicólogos. Imago, 1979.
- KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. SP. Perspectiva, 1978.
- LANE, Sílvia M. Uma redefinição da Psicologia Social. In: Educação e Sociedade, 1980, vol. 6, p. 96-103.

SCHIAFF, Adam. Teoria do Reflexo Modificado. In: História e Verdade. SP. Martins Fontes, 1978. p. 71-98.

VIGOTSKI, L.S. A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. SP. Martins Fontes, 1984, p. 21-85.

VIGOTSKI, L.S. Pensamento e Linguagem. Lisboa, Antídoto, 1979.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVIM, Célia M.F. A Natureza Humana e o Conteúdo do Trabalho... SP. UFSCAR, 1986 (Tese de mestrado em conclusão).

ALVITE, Maria M.C. Concepção da Psicologia. In: Didática e Psicologia: Crítica ao Psicologismo na Educação. SP. Loyola, 1981, p. 27-36.

BAKHIN, Mikhail. Filosofia da Linguagem e Psicologia Objetiva. In: Marxismo e Filosofia da Linguagem. SP. HUCITEC, 1981. p. 48-66.

BENATON, S. O Que é Cibernética. SP. Brasiliense, 1985.

CANEVACCI, Máximo (org.). Dialética do Indivíduo - O Indivíduo na Natureza, História e Cultura. SP. Brasiliense, 1978.

CASTELLS, Manuel C. e IPOLA, Emílio. Pontos de Partida de uma Epistemologia Materialista. In: Prática Epistemológica e Ciências Sociais.

FERREIRA, May Guimarães. Indivíduo e Sociedade: do Movimento Real à Representação Ideal (um estudo de suas represen-

- LANE, Silvia M. e CODO, Wanderley (orgs.) Psicologia Social: O Homem em Movimento. SP. Brasiliense, 1984.
- LEBRUN, Gérard. 'Qual é o lugar da Psicologia? In: Psicologia Atual - ano IV - nº 21. SP. Grupo Editorial Spagat, 1983.
- LUKÂCS, George. História e Consciência de Classe. Porto, Publicações Escorpião, 1974.
- LUKÂCS, George. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do homem. In: Temas das Ciências Humanas. SP. Livraria e Editora Ciências Humanas, vol. 4, 1978.
- MERANI, Alberto. Psicologia e Alienação. RJ. Paz e Terra, 1977.
- MERANI, Alberto. Psicologia e Pedagogia - As Idéias Pedagógicas de Henry Wallon. Lisboa, Editorial Notícias, 1977.
- MERANI, Alberto. Psicologia Infantil. RJ. Paz e Terra, 1972.
- MORSE, W. e WINGO, G.M. (orgs.). Leituras de Psicologia Educacional. SP. Nacional, 1968.
- NORONHA, Olinda M. A Construção da Identidade no Plano Cognoscitivo. In: Educação, ano 9, nº 34, p. 95-112, 1980.
- NOSELLA, Paolo. Aspectos Teóricos da Pesquisa Educacional: da metafísica ao empírico, do empírico ao concreto. In: Educação e Sociedade, p. 5-19, 1984.
- PENNA, Antonio G. Introdução à História da Psicologia Contemporânea. RJ. Zahar, 1978.
- PENNA, Antonio G. História das Idéias Psicológicas. RJ. Zahar, 1981.

- PIAGET, Jean. Sabedoria e Ilusões da Filosofia. SP. Difusão Européia do Livro, 1969.
- PIAGET, Jean. Seis Estudos de Psicologia. RJ. Forense-Universitária, 1978.
- RADFORD, John e KIRBY, Richard. A Pessoa em Psicologia. RJ. Zahar, 1976.
- NASINI, E.F. Ação da Psicologia da Escola. SP. Cortez e Moraes, 1978.
- REUCHILIN, M. Introdução à Psicologia. RJ. Zahar, 1979.
- REUCHILIN, M. Os Métodos em Psicologia. SP. Difusão Européia do Livro, 1971.
- ROSE, Steven. O Cérebro Consciente. SP. Alfa-ômega, 1984.
- SHOTTER, John. Imagens do Homem na Pesquisa Psicológica. RJ. Zahar, 1977.
- STACEY, Barric. Psicologia e Estrutura Social. RJ. Zahar, 1978.